

DO SALÃO AO LEILÃO: JOÃO NO DESERTO DE FREI NAZARENO CONFALONI

FROM THE SALON TO THE AUCTION: JOÃO IN THE DESERT BY FREI NAZARENO CONFALONI

Bianca Knaak e Marco Aurélio Biermann Pinto

PINTURA
ICONOGRAFIA
1º SALÃO PAN-AMERICANO DE ARTE
FREI NAZARENO CONFALONI
LEILÃO

Num capricho do acaso, encontramos uma pintura em óleo figurando um personagem com um cajado numa paisagem desértica. No verso, um nome feminino escrito à lápis e um carimbo de inscrição circular dizendo: Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul 1º Salão Pan – Americano. Nosso instinto de pesquisadores falou alto e, empreitamos uma investigação a quatro mãos, no intuito de identificar autoria e autenticidade da obra. Chegamos à conclusão de que se trata de João no deserto, pintura extraviada de Frei Nazareno Confaloni, italiano radicado em Goiânia. O artigo apresenta, contextualiza e discute nossa pesquisa.

PAINTING
ICONOGRAPHY
1ST SALÃO PAN-AMERICANO
FRIAR NAZARENO CONFALONI
AUCTION

On a whim of chance we found an oil painting depicting a character with a staff in a desert landscape. On the back, a woman's name written in pencil and circular inscription stamp saying: Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul 1st Salão Pan-Americano. Our instinct as researches spoke loudly and we undertook a four-handed investigation in order to identify the authorship and authenticity of the work. We came to the conclusion that it is João no deserto, a lost painting by Frei Nazareno Confaloni, an Italian clergyman based in Goiânia (GO) since 1952. The article presents, contextualizes and discusses our research.

ISSN 1518–5494

ISSN-E 2447–2484

O que você faria se, numa feira qualquer, por um valor módico, lhe fosse oferecida uma pintura um pouco avariada, sem moldura e assinatura, diante da qual você, interessado em arte, considerasse um trabalho interessante? Compraria? Fotografaria? Indicaria a algum interessado em garimpar objetos e histórias? Ignoraria? E se a feira fosse um leilão *online*, você um pesquisador ou pesquisadora da arte brasileira, e lesse que no verso dessa pintura há o carimbo de um importante Salão de Arte? Conseguiria ignorar um indício de achado histórico?

ARTE EM LEILÃO

A prática de leiloar bens, animais, pessoas (mulheres e escravizados, principalmente), mercadorias em geral remonta à antiguidade, possivelmente a 2.000 a.C. com os povos assírios e caldeus. Mas, a primeira casa de leilões de arte e antiguidades, como hoje conhecemos, data de 1774, em Londres, com a venda de uma biblioteca particular. Essa prática recorrente do mercado teve impulso e popularização nacional e internacional com o incremento das redes eletrônicas de comunicação e suas plataformas de *streaming*, notadamente a partir de 1995 com os leilões *online*, via *eBay*.

A novidade do meio, ainda pouco regulamentado, tem lá seus problemas e benefícios. Por um lado, arte e antiguidades de todos os calibres e procedências são ofertados em *sites* comerciais, diariamente, facilitando a visualização e a localização de obras de artistas pouco conhecidos, amadores, e de artistas renomados, obras por vezes esquecidas, desaparecidas ou mesmo desconhecidas devido a seu paradeiro antes do certame.

Por outro lado, com os leilões *online*, também se ampliam as possibilidades de fraude. Desde a falsidade da obra em si até a documentação de sua procedência ou mesmo da legitimidade do artista. Qualquer produção em desenho, pintura ou escultura, por exemplo, pode ser vendida como obra. Não obstante, ao pesquisador experimentado e ao colecionador obstinado, a descoberta de certas obras torna-se um saboroso exercício de investigação histórica e documental. Muitas vezes a datação informada está errada, devido à má leitura de um nome, a uma assinatura desconhecida pelo leiloeiro, ou ainda, devido às más condições de conservação do objeto, limitando a certificação de autoria sob a observação “autor desconhecido” ou “não identificado”. Sem falar nos títulos, quase nunca presentes e, às vezes, incorretos ou inventados. E é aí que o desempenho do estudioso ganha especificidade, relevância e valor.

É bastante conhecida a história de Teri Horton, que passou os anos finais de sua vida tentando provar, nas instâncias legitimadoras do sistema da arte norte-americano, que um quadro adquirido por cinco dólares num brechó na Califórnia é de autoria de Jackson Pollock, de quem ela jamais ouvira falar. A história é tão extraordinária que deu origem ao documentário *Who the #\$&% is Jackson Pollock* (Harry Moses, 2006). Teri faleceu em 2019, aos 86 anos, sem atingir o seu objetivo, e, mesmo assim, recusou ofertas milionárias pela pintura, a última no valor de nove milhões de dólares.

Nossa história não é tão inusitada e nem mirabolante, mas igualmente proveitosa. Trata-se de um achado que nos põe a pensar nos circuitos legitimadores e de circulação de obras de arte no país, e, conseqüentemente, nas lacunas históricas, materiais e documentais, que nos mantém alerta e, felizmente, em constante revisão e escrutínio de produções, coleções, acervos e suas trajetórias e/ou descaminhos.

Diante da profusão de ofertas diárias, ainda são possíveis descobertas surpreendentes também em leilões menores, como buscaremos demonstrar. E para dirimir dúvidas,



Imagem 1. *João no Deserto* (verso, detalhe). Carimbo do Instituto de Belas Artes Do Rio Grande Do Sul. 1º Salão Pan-Americano, 1958.

1. As imagens aqui apresentadas, obra e documentos, foram fotografadas por Marco Aurélio Biermann Pinto.

além das bibliografias pertinentes enquanto fortuna crítica e coleções institucionais, não raro o trabalho de certificação de autoria percorre acervos e arquivos públicos históricos, notariais e judiciais, graças ao acesso bastante facilitado pela internet. Após visualizar o ofertado, e mesmo sem redundar no arremate do lote propriamente dito, juntar informações sobre ele requer tempo, recursos, disposição, sagacidade e um pouco de sorte, pois elas quase sempre estão dispersas em fontes variadas e fragmentadas, feito um quebra-cabeça.

Comprovar a autenticidade torna-se o objetivo primeiro no interesse pelo objeto. Inicialmente, é preciso situá-lo nos contextos social, político, econômico que demonstrem a viabilidade de seu status artístico. Afinal, numa perspectiva cultural sistêmica, entendemos que a produção simbólica se constitui como arte de forma relacional, no movimento dos pares, do entorno direto e expandido da urdidura sócio-histórica dos dias, da dinâmica concretude da vida comum, compartilhada. Portanto, importam muito os contextos de emergência estética e artística tanto para a aparição social do artista quanto para a valorização de suas obras.

Na jornada imersiva que reúne e investiga tais circunstâncias, também não é incomum encontrarmos, quase ao acaso, preciosas informações sobre outra obra ou situação, que não aquela ensejada em nossa pesquisa inicial. Foi assim que, na busca por obras e ordenação de fontes narrativas locais sobre arte e circuitos de arte, de Porto Alegre (RS) chegamos a Goiânia (GO), a partir de uma pesquisa iniciada em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul.

Não obstante, por um capricho do acaso, menos aleatório do que o de Teri Horton, encontramos uma pequena pintura em óleo sobre eucatex (33 x 23,5 cm), figurando um personagem longilíneo com um cajado numa paisagem desértica. (imagem 1).

No verso (imagem 2), um nome escrito a lápis com letra cursiva: Célia; e um carimbo de inscrição circular em letras maiúsculas com os dizeres: INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL 1º SALÃO PAN – AMERICANO.

Nosso instinto de pesquisadores falou alto e empreitamos uma investigação a quatro mãos. Começamos pelas informações do Catálogo Geral do salão e pesquisamos no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que preserva os documentos remanescentes do 1º Salão Pan-Americano de Arte. E eis então nosso possível achado: a pintura *João no deserto*, de Frei Nazareno Confaloni, italiano radicado em Goiânia. Vejamos o porquê¹.

FREI NAZARENO CONFALONI

Giuseppe Confaloni chegou ao Brasil em 1950, a convite do Bispo dominicano Dom Cândido Bento Maria Penso (1895-1959). Nascido em Grotte di Castro, Itália, em 1917, chegou a Goiás em 1950, para pintar os afrescos da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Cidade de Goiás, como parte da missão evangelizadora da igreja Católica na América. Frei, pintor, muralista, desenhista e professor, mudou-se para Goiânia em 1952, onde viveu, conciliando a batina com a pintura, até sua morte, em 1977.

No estado de Goiás e no campo artístico brasileiro como um todo, ele é reconhecido como um pioneiro da arte moderna no Centro-Oeste, por sua obra de temática social e religiosa, mas também por suas ideias progressistas. Sua formação perpassa os modelos do *novecento* italiano e se expande com ousadias na jovem Goiânia. Segundo Jaqueline Vigário:



Imagem 2. Nazareno Confaloni, dito Frei Confaloni, *João no Deserto*. Pintura em óleo sobre Eucatex, 33 x 23,5 cm, sem data.

Confaloni aprendeu rapidamente os fundamentos da arte moderna, em um diálogo constante com movimentos que eclodiram durante o começo do século XX. Sabe-se que no campo da arte sacra os modernistas representaram um mundo secular em sua arte, tornando as representações de madonas e santos humanizados e Frei Confaloni não ficou alheio às transformações artísticas ocorridas no Brasil e

no mundo. Um breve percurso por suas obras desde que chegou ao Brasil permite observar que o Frei artista sinaliza em suas incursões pelo moderno um diálogo profundo com o contexto sociocultural latino-americano, sobretudo no que se refere à visão progressista voltada para a ideia da Teologia da Libertação. Contudo, se observarmos com um pouco mais de atenção, em suas obras convergem elementos que estão no âmago do cristianismo. (VIGÁRIO, 2018, p.693).

2. De grande repercussão nacional e internacional, como atesta artigo de Jorge Amado ao destacar os intelectuais de todas as áreas, artistas, atores, músicos, literatos e cineastas presentes, tais como Lila Ripol, Lupicínio Rodrigues, Djanira, Mario Schemberg, Orígenes Lessa, Mario Barata e, entre os estrangeiros, Pablo Neruda, por exemplo.

Sua conhecida e característica preferência por temas sociais de conotação sacra e vice-versa, seu realismo social que “mostrava um sofrimento aceito passivamente através de cores frias, estudadas e convencionais” (FIGUEIREDO, 1979, p.97) é mais um indício de que a obra, aqui em questão, encontrada em 2023 em leilão em uma das plataformas do portal LeilõesBR, poderia ser mesmo *João no deserto*. Sobretudo pelo que se pode inferir a partir da iconografia de São João Batista pregando no deserto da Judeia – vestido apenas com peles de camelo amarradas à cintura por uma tira de couro, conforme a descrição bíblica. O tema, caro ao cristianismo, foi pintado muitas vezes e por muitos artistas bastante conhecidos e admirados por Confaloni, como Leonardo Da Vinci, Rafael, Caravaggio e El Grecco, que o frei conheceu ainda na Itália, onde desenvolveu sua pintura na Academia de Belas Artes de Milão e, depois, em Florença.

Ativista das artes em geral, sempre incentivou e apoiou jovens artistas. Em 1953, apenas três anos após sua chegada ao Brasil, participou da criação da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), a primeira especializada no ensino artístico em Goiás. E, já em 1954, participa ativamente da organização do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia². Motivos suficientes para que Frei Confaloni fosse destacado para representar Goiás no I Congresso Brasileiro de Arte. E no 1º Salão Pan-Americano de Arte em Porto Alegre.

1º SALÃO PAN-AMERICANO DE ARTE

De abril a maio de 1958, em comemoração ao cinquentenário da fundação do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, paralela e simultaneamente ao I Congresso Brasileiro de Arte, realizou-se em Porto Alegre o 1º Salão Pan-Americano de Arte, organizado e presidido por Tasso Bolivar Dias Corrêa, à época diretor do Instituto de Belas Artes (IBA). Em suas palavras, registradas no catálogo, o Salão foi “esplêndido” e tinha por objetivo reunir no Rio Grande do Sul “obras de artistas dos países do Continente num certame fraternal e maior aproximação das elites”. Ainda segundo Tasso Corrêa, o Salão foi de organização “simples e despreziosa”. E, portanto, “não cogitou de tendências, deixando ao livre arbítrio dos promotores dos envios ou dos artistas convidados, o critério a seguir.”

Esse evento, devido ao extenso rol de participações nacionais e internacionais, pode ser considerado de grande importância à história da arte no Brasil e foi exaustivamente pesquisado por Diego da Silva Groisman, em sua dissertação de mestrado, sob a orientação da professora Dra^a Paula Viviane Ramos. Segundo Groisman:

Entre os dias 23 de abril e 13 de maio de 1958, Porto Alegre sediou dois eventos que, embora atualmente eclipsados, estão entre os mais importantes ocorridos no Brasil, no campo das artes, em um momento de profundas transformações socioeconômicas, políticas e culturais: o I Congresso Brasileiro de Arte, reunindo mais

I CONGRESSO BRASILEIRO DE ARTE
PORTO ALEGRE
 22 a 30 de Abril de 1958

Adesão de entidade convidada

ESCOLA GOIANA DE BELAS ARTES
 Nome

Luiz A. Carmo Curado
 Presidente ou Diretor

Prováveis delegados:

1 - Luiz A. Carmo Curado
 2 - Fr. Nazareno Confaloni
 3 - Henning Gustav Ritter
 4 - Sonia Camargo Costa
 5 -

Cidade: Goiânia.
 Estado: Goiás
 Data: 26 de março de 1958

Luiz A. Carmo Curado
 Assinatura do Responsável

Imagem 3. Ficha de adesão

INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 248
 PORTO ALEGRE
 BRASIL

I SALÃO PAN-AMERICANO DE ARTE
 Comemorativo do Cinquentenário da Fundação
 do Instituto de Belas Artes
 Inauguração — 22 de Abril de 1958

inscrição até 20 de março de 1958 N.º

Nome: *Frei Nazareno Confaloni*
 Nacionalidade: Italiana
 Credenciais: Professor da Escola de Belas Artes de Goiânia
 Menção Honrosa na "Sala Pró Arte" de Grosseto +Itália
 Aluno da Academia de Belas Artes di Brera (Milão)

RELAÇÃO DOS TRABALHOS		
DENOMINAÇÃO	MATERIAL E DIMENSÃO	PREÇO
1.º Retrato	óleo	Cr\$ 4.000,00
2.º Ecce Homo	"	Cr\$ 3.000,00
3.º Paisagem italiana João no deserto	de março de 195	Cr\$ 4.000,00 3.000,00

natura: *Frei Nazareno Confaloni*
 Residência: Escola de Belas Artes de Goiânia
 Cidade: Goiânia - G.
 País:

NOTA — Os artistas que desejarem vender seus trabalhos deverão assinar a autorização abaixo.
 OBS.: — A inscrição de preferência deverá ser datilografada.

AUTORIZAÇÃO

Fica o Instituto de Belas Artes autorizando a vender os trabalhos acima descritos pelo preço constante da inscrição e nos termos do Regulamento do Salão.

Frei Nazareno Confaloni
 assinatura do artista

Imagem 4. Ficha de inscrição, relação de trabalhos inscritos

de 400 intelectuais e agentes culturais de várias regiões do País, e o I Salão Pan-Americano de Arte, contando com um total de 670 obras expostas, das quais mais de 200 enviadas por artistas estrangeiros, provenientes de sete países americanos. Esses eventos foram meticulosamente organizados pelo Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (IBA-RS, atual Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), como parte das celebrações do cinquentenário da entidade, atestando a força da instituição e, em certa medida, a do próprio campo artístico local. A ambos é conferido o mérito do pioneirismo, no Brasil, no formato a que se propunham: o Salão, por ter sido o primeiro a abrir a possibilidade de abarcar obras de todos os países das Américas; e o Congresso, pela novidade de integrar diferentes expressões artísticas – Arquitetura, Letras, Artes Plásticas, Teatro e Música – em um único encontro. (GROISMAN, 2021, p.11)

A REPRESENTAÇÃO GOIANA

Documentos relativos aos dois eventos comemorativos de 1958, e pertencentes ao acervo do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, trazem a composição de uma então provável representação goiana no I Congresso Brasileiro de Arte, a inscrição de Confaloni ao 1º Salão Pan-Americano de Arte — a principal atividade da programação paralela ao congresso —, e a relação de devolução à origem das obras enviadas para concorrerem ao salão.

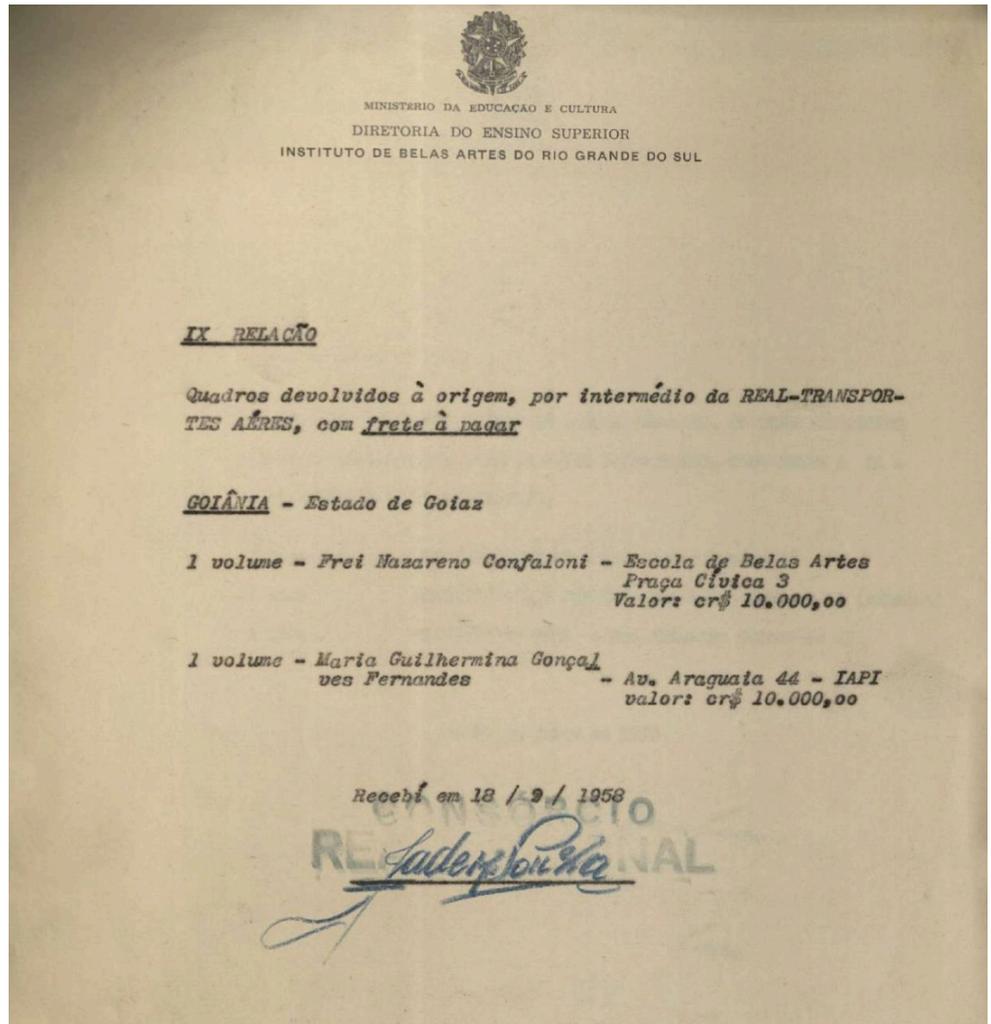


Imagem 5. Documento de devolução das obras

3. Diz a nota: "Sábado, com destino a Porto Alegre, seguiram os alunos da Escola Goiana de Belas Artes, que tomarão parte no Congresso Sul Americano de Artes, a realizar-se a partir de hoje. Representarão a E.G.B.A. o Frei Nazareno Confaloni, que irá como chefe da caravana, e as alunas: Sonia Costa, Ceres de Bastos Ferreira e Maria de Castro Miranda".

4. Maria Guilhermina Gonçalves Fernandes é a escultora Maria Guilhermina (1932), mineira radicada em Goiás e formada pela Escola Goiana de Belas Artes em 1959.

Em documento datado de 28 de março de 1958, a convidada Escola Goiana de Belas Artes indicou como seus prováveis delegados ao Congresso o seu então presidente Luiz Augusto do Carmo Curado, Frei Nazareno Confaloni, Henning Ritter e Sonia Camargo Costa. Assim, estariam no Rio Grande do Sul os três que em dezembro de 1952 fundaram a Escola Goiana de Belas Artes: o goiano Curado (1919-1996), o italiano Confaloni (1917-1977) e o alemão Ritter (1904-1979) como atesta a ficha de adesão da entidade convidada (imagem 3).

Uma nota no Jornal de Notícias³, no entanto, menciona outros dois nomes como integrantes da delegação: Ceres de Bastos Ferreira e Maria de Castro Miranda. De fato, Ceres de Bastos Ferreira, Frei Nazareno Confaloni, Maria de Castro Miranda e Maria Guilhermina Fernandes⁴ foram congressistas na Seção de Artes Plásticas, e, nessa mesma seção, Henning Gustav Ritter teve aceita a sua tese "Iniciação artística desde o jardim de infância" (GROISMAN, 2021, pp. 206-208).

Ainda que professor em uma instituição convidada a participar do Congresso, Confaloni não integrou a lista de 110 artistas convidados a concorrer ao Salão: submeteu-se à Comissão de Seleção e inscreveu quatro trabalhos (imagem 4). E foi o único artista goiano participante do evento.

5. Na relação das 670 obras no Catálogo Geral percebe-se o cumprimento do limite regulamentar de inscrição de três trabalhos em cada seção. A divergência entre o número de obras de Confaloni inscritas (4) e o de catalogadas (3) é ponto a esclarecer, pois, embora não incluído o retrato naquele catálogo, uma pequena crítica de Ermanno Ducceschi no Jornal do Dia de 6 de maio de 1958 o refere dentre as obras expostas por Confaloni: “Frei Nazareno Confaloni é o único representante de Goiás: não é muito profundo, mas bastante ousado. É presente com um retrato, ‘Ecce Homo’, paisagem Italiana, João no deserto. Talvez seria interessante que visse algumas obras primas dos contemporâneos; creio que o auxiliaria muito”.

6. Para fins de transporte, a cada um dos volumes foi atribuído o valor de Cr\$10.000,00 (dez mil cruzeiros). Intencional ou não, em relação ao volume enviado a Confaloni o valor corresponde à soma total do definido, na inscrição, para as suas obras referidas no Catálogo Geral. Assim, é plausível pensar que lhe foram devolvidas *Ecce Homo*, *Paisagem italiana* e *João no deserto* (Cr\$3.000,00 + Cr\$4.000,00 + Cr\$3.000,00), as quais permaneceram expostas até o encerramento do Salão.

7. Presume-se que o volume a ela enviado seja trabalho seu não admitido ao Salão. 8. Maria Célia Câmara, conhecida como Célia Câmara e falecida em 1998, teve intensa atividade e influência no meio cultural, empresarial e político em Goiás e Brasília. Marchand, como proprietária da Casa Grande Galeria de Arte, em Goiânia, contribuiu para a consolidação e profissionalização do mercado de arte naquele Estado. Foi casada com Jaime Câmara, prefeito de Goiânia de 1959 a 1961 e deputado federal por Goiás em duas legislaturas.

Embora o art. 6º do regulamento do Salão limitasse a inscrição de no máximo três trabalhos em cada seção (desenho, gravura, escultura e pintura), na ficha de inscrição de Confaloni constam quatro pinturas a óleo, de medidas não especificadas: *Retrato*, *Ecce Homo*, *Paisagem italiana* e *João no deserto*. No mesmo documento, autorizou o Instituto de Belas Artes a vendê-las, definindo o preço individual de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros) para *Ecce Homo* e *João no deserto* e de Cr\$4.000,00 (quatro mil cruzeiros) para *Retrato* e *Paisagem italiana*. Das pinturas inscritas, *Ecce Homo*, *Paisagem italiana* e *João no deserto* foram as incluídas no Catálogo Geral do salão, sob números 174, 175 e 176, respectivamente⁵.

O documento de devolução das obras à origem (imagem 5), com data de recebimento de 18 de setembro de 1958, informa que o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul enviou dois volumes com quadros para endereços distintos em Goiânia: um para Frei Nazareno Confaloni, Escola de Belas Artes, Praça Cívica 3⁶, e o outro para Maria Guilhermina Gonçalves Fernandes, Av. Araguaia 44 – IAPI⁷.

A devolução das obras à Goiânia é um dado relevante para a reflexão sobre a trajetória da obra *João no deserto*, indicando não ter sido vendida durante o evento em Porto Alegre.

VESTÍGIOS DE UM TRAJETO

Na obra em verificação, além do carimbo, aplicado duas vezes no verso da pintura, há ainda duas palavras escritas a lápis. A caligrafia nos parece ser da mesma pessoa e o nome escrito também, no entanto, uma está quase ilegível e a outra diz “Célia”. Sendo que as obras inscritas de Confaloni foram devolvidas a ele, em Goiânia, essa inscrição pode ter sido feita posteriormente à sua participação no Salão Pan-Americano.

Em entrevista concedida a Márcio Leijoto em 2019, PX Silveira, biógrafo e responsável pelo catálogo raisonné de Confaloni, desde 2014, afirmou que “mais de 90% das obras de Confaloni estão nas mãos de particulares”. É certo que isso não apenas dificulta a indexação das obras como também favorece aos extravios, mesmo que involuntários, de obras pouco atraentes aos herdeiros desse patrimônio. Portanto, o nome no verso da pintura em questão pode ou não identificar a proprietária do quadro quando, e se, algum dia ele entrou ou saiu de algum acervo ou espólio. Cabe aqui lembrar que Confaloni vendeu muitas obras à elite goiana, pois “foi um grande doador em prol da causa artística. (...) participou de coletivas (...) mantendo um ateliê dinâmico, sempre com novos interessados a sua volta” (FIGUEIREDO, 1979, p.97).

Atuante como pintor e expositor, uma forte suspeita recai na possibilidade de que, em algum momento, essa obra possa ter participado do acervo da Casa Grande Galeria de Arte, de propriedade de Célia Câmara⁸ ou mesmo pertencido ao seu acervo pessoal. Isso poderia esclarecer o nome Célia no verso do quadro e abrir novos rumos à investigação de sua trajetória até o leilão.

No desafio da pesquisa que segue e se amplia essa será hipótese a ser investigada e verificada. Apesar de estarmos bastante satisfeitos com as descobertas até aqui – os indícios nos permitem acreditar que se trata, efetivamente, de *João no deserto* – avançaremos a pesquisa com atenção e cuidado. Ainda nos falta, para a confirmação do achado, a contextualização, a datação e os caminhos que a trouxeram até o leilão. Uma próxima etapa terá, necessariamente, desdobramentos em Goiânia, junto a colecionadores, historiadores e ao jovem Museu Municipal Frei Nazareno Confaloni, inaugurado em 2019. Com nossa pesquisa acreditamos estar contribuindo para

ampliar o entendimento das questões que incidem na guarda e preservação dos objetos artísticos e históricos e, mais do que isso, para a materialidade da história da cultura e da arte em nossa sociedade, ainda um tanto esbanjadora, com seus bens simbólicos e artísticos.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. Festa da Cultura em Goiânia in: Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 10 de março de 1954. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/108081/5708>> Acesso em: 17 de janeiro de 2024.
- CATÁLOGO do 1º Salão Pan-Americano de Arte. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.
- DUCCESCHI, Ermanno. Primeiro Salon Pan Americano de Arte. Jornal do Dia, Porto Alegre, 6 de maio de 1958, página 7. Disponível em:
- FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. Cuiabá: Edições UFMT/Museu de Arte e de Cultura Popular, 1979.
- GODOY, Garcia José. Goiás e a Presença de Nazareno Confaloni: um pouco da vida de Frei Nazareno – Sua obra de artista – Os primeiros tempos na Itália – Vila Boa. Depois Goiânia. Jornal OÍÓ, Goiânia, abril, s p. 1985.
- GROISMAN, Diego da Silva. I Congresso Brasileiro de Arte e I Salão Pan-Americano de Arte (1958): o lugar da arte em debate 2021, f. 281. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- LEIJOTO, Márcio. Mais Um Painel ameaçado. In: Jornal O Popular. Goiânia, 23 de outubro de 2019. Disponível em: < <https://opopular.com.br/mais-um-painel-de-frei-confaloni-esta-ameacado-em-goiania-1.1916225>> Acesso em: 23 de dezembro de 2023.
- VIGÁRIO, Jacqueline Siqueira. Metáforas do Profano na Estética Sagrada de Frei Confaloni (1917-1977). In: Anais do XXXVIII Congresso do CBHA. Santa Catarina, 2018. ISSN - 2236-0719
- WHO is the #&% Jackson Pollock? Direção: Harry Moses. Produção: Hewitt Group. EUA, 2006.
- < <http://memoria.bn.br/DocReader/098230/32275> > Acesso em: 5 de janeiro de 2024

BIANCA KNAAK

Bianca Knaak é professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/2907083237085802>

MARCO AURÉLIO BIERMANN PINTO

Marco Aurélio Biermann Pinto é historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

marcobp@gmail.com